

Mulher-Maravilha e a influência feminista¹

Elisabete Dieguez Bravo²

Faculdades Integradas Alcânta Marachado, FIAM-FAAM, São Paulo, SP
Orientadora: Prof^a. Dra. Fabíola Tarapanoff³

Resumo

Inspirada em mulheres feminista de vanguarda, a personagem Mulher-Maravilha surgiu nos anos 1940, como um exemplo feminista. Passou por transformações ao longo das décadas, chegou a ser despida de seu uniforme de heroína e de seus poderes em meados dos anos 1950. Retomou suas vestimentas e soberania nos anos 1970 e continua até os dias de hoje como uma das principais heroínas da ficção. O intuito deste artigo é mostrar as influências na sua criação a partir dos quadrinhos e como a personagem tornou-se um símbolo do feminismo.

Palavras-chave:

Mulher-Maravilha; feminismo; heroína, histórias em quadrinhos

1. Objetivos

1.2 Geral:

Revisar o histórico de construção da Mulher-Maravilha.

1.3 Específicos:

Analisar como os movimentos feministas influenciaram a personagem Mulher-Maravilha.

Relatar a influência feminista na criação da personagem Mulher-Maravilha.

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do Curso de Jornalismo da FIAM-FAAM, e-mail: bravo.elisabete@gmail.com

³ Orientadora de projeto de iniciação científica desta autora e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora dos cursos de Comunicação Social do FIAM-FAAM-Centro Universitário. E-mail: fabiola.tarapanoff@fiamfaam.br

2. Procedimentos metodológicos

Para realização do artigo foi utilizada a pesquisa bibliográfica referente a história e construção da personagem. Revisão da literatura e análise do conteúdo das histórias da Mulher-Maravilha relacionados aos acontecimentos feministas. Pesquisa bibliográfica da história de William Moulton Marston criador da personagem.

O levantamento contribui para o entendimento do contexto que envolve a criação da heroína e assim realizar a análise crítica da heroína e a influência dos acontecimentos feministas em forma do presente artigo.

3. O criador da Mulher-Maravilha e suas influências

A heroína Mulher-Maravilha está em evidência e atualmente o filme sobre sua origem, lançado em 2017 foi um sucesso e arrecadou mais de 800 milhões de dólares, segundo dados da distribuidora Warner Bros. Desde sua apresentação em 1941 nas histórias em quadrinhos, a heroína encanta adultos e crianças em diversos países. No Brasil não é diferente, segundo a Warner Filmes do Brasil, em 2017, o longa-metragem *Mulher-Maravilha* foi uma das maiores bilheterias de filmes de super-heróis da história do país. O próximo filme será lançado em dezembro de 2018.

Criada pelo Dr. William Moulton Marston, psicólogo, filósofo, advogado, teórico, inventor do detector de mentiras e escritor, a personagem foi inspirada nas mulheres que fizeram parte da vida de Marston, todas feministas.

Nos primeiros anos as HQs da Mulher-Maravilha remetiam as lutas feministas, tanto dos Estados Unidos quanto da Europa, fatos históricos eram contatos com pitadas de ficção. A semideusa sempre vencida o vilão que tentava calar, ou acorrentar a heroína. Hoje em dia a filha de Hipólita continua sendo símbolo de resistência dentre uma gama de heróis masculinos. “O Superman tem sua dívida com a ficção científica, o Batman com os detetives. Porém, a dívida da Mulher-Maravilha é com a utopia feminista e com a luta pelos direitos das mulheres” (LEPORE, 2017, p. 14).

Inspirada em mulheres com pensamentos feministas, como suas duas esposas, Sadie Elizabeth Holloway que estudou em 1911 na Mount Holyoke College, uma faculdade para mulheres, onde se formou em Psicologia e depois estudou direito em

Radcliffe College instituição de ensino superior vinculada à Harvard, que nessa época não permitia alunas. Sua segunda esposa Olive Byrne também formada em Psicologia era sobrinha da feminista e ativista do controle de natalidade, a estadunidense Margaret Sanger. Ainda segundo Lepore, em seu livro *A história secreta da Mulher-Maravilha* (2017), na universidade, Marstson e Holloway tiveram acesso a palestras e movimentos feministas que futuramente inspirariam as histórias da heroína, como por exemplo, em 3 de março de 1913, a ativista feminista Inez Milholland Boissevain comanda um desfile pelo sufrágio montada em um cavalo branco.

Na *Sensation Comics n° 7* (1942), a Mulher-Maravilha lidera uma manifestação contra o cartel do leite montada em um cavalo branco.



Figura 1 Inez Milholland Boissevain comanda passeata pelo sufrágio.

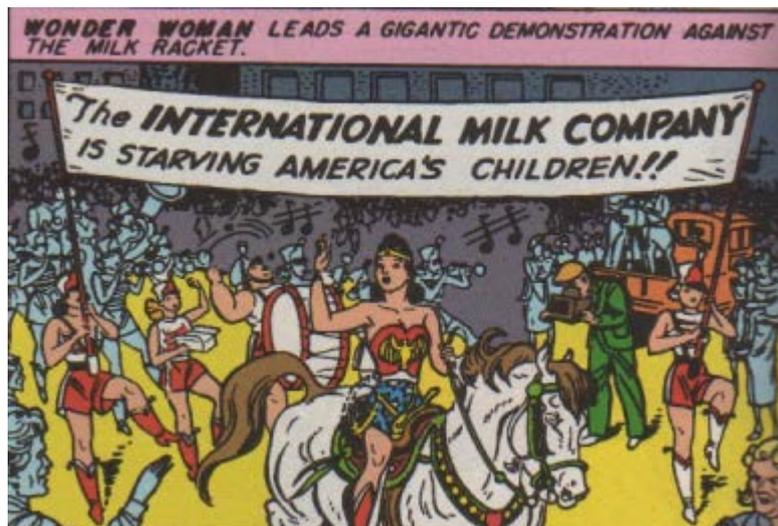


Figura 2 Mulher-Maravilha lidera manifestação pelas mães e contra cartel do leite.

Outro fato histórico foi a greve das trabalhadoras da fábrica de tecidos Lawrence em 1912, que inspirou a Sensation Comics nº 8 (1942), em que a Mulher-Maravilha participa das negociações pelos direitos a condições dignas de trabalho para mulheres empregadas de uma loja que realizam uma greve. Esses são apenas alguns exemplos entre tantos outros.



Figura 3 Greve, em 1912, das empresas em Lawrence.



Figura 4 Greve lojas de departamentos. Sensation Comics, 8, 1942

4. O início de Marston e da Mulher-Maravilha

Quando o editor Sheldon Mayer do grupo DC Comics deu a William Moulton Marston, que já trabalhava como consultor da empresa, a oportunidade de criar uma novo super-herói, sua esposa Elizabeth Holloway disse para ele não ligar para os meninos e criar uma supermulher, pois já tem homens demais nas histórias (LEPORE, 2017).

Marston estudou em Havard a partir de 1911, se formou em psicologia, foi bacharel em direito e doutor em psicologia. Foi o inventor do detector de mentiras, precursor do polígrafo. O laço da verdade, um dos adereços da Mulher-Maravilha foi inspirado em sua invenção. Antes de trabalhar para DC ele foi professor universitário.

A construção da personagem Mulher-Maravilha tem total relação com as mulheres inteligentes, progressistas e ativistas que cercaram a vida de seu autor. Vários traços da personalidade e da história da heroína tem influência dessas mulheres (LANGLEY, WOOD, 2017).

Sadie Elizabeth Holloway, nasceu na Ilha de Man, Reino Unido, em 1893, mesmo ano do nascimento de seu esposo Marston. Em 1912, já era apaixonada por histórias gregas e seu idioma. Seu livro predileto era *Sappho*, uma mulher que vivia em uma sociedade de mulheres na Ilha de Lesbos, no mar Egeu por volta de 600 a. C. O termo lésbica vem de Lesbos. Com cabelos escuros ondulados, olhos azuis, destemida e ativista pela defesa das mulheres, embora estas características sejam relacionadas a Mulher-Maravilha, está sendo apresentada Elizabeth Holloway, uma das referências para o desenvolvimento da personagem que se perpetuou por décadas (LEPORE, 2017).

Marston, tinha um casamento a três, sua segunda esposa era Olive Byrne, sobrinha da feminista, reconhecida ativista e autora estadunidense Margareth Sanger. Byrne sempre usava dois braceletes, um em cada braço, também foi referência para a heroína. Bacharel em Psicologia, tal qual Marston e Holloway, ela auxiliava seu esposo nos estudos, teses, artigos e escritos relacionados à psicologia. Embora fosse bígamo, Byrne não era reconhecida perante à sociedade como segunda esposa, mas como cuidadora das crianças do casal. Seus dois filhos com Marston foram registrados como filhos de Holloway para ter direitos iguais aos dos dois irmãos filhos da primeira esposa. Byrne acreditava que a sociedade não estava preparada para entender como viviam os Marston. Uma grande família formada por um homem, com duas mulheres e quatro filhos (LEPORE, 2017).

A bibliotecária e ativista feminista, Marjorie Wilkes Huntley com quem Marston e Holloway tiveram um relacionamento, antes de conhecerem Byrne também participou deste processo de referências por lutar pelos ideais femininos. Após a morte de William, em 1947 com 53 anos de idade, suas duas mulheres viveram juntas durante toda velhice e Huntley juntou-se a elas (LANGLEY, WOOD, 2017).

Outra referência para Marston foi a sufragista britânica Emmeline Pankhurst. Em 1911, foi proibida de palestrar em Harvard por ser mulher e a universidade não aceitava mulheres no campus. “Convidada por alunos que apoiavam os movimentos pelos direitos das mulheres, palestrou em um espaço ao lado da faculdade [...] o currículo de Harvard não inclui o sufrágio feminino” (*NEW YORK TIMES*, 4 de dezembro de 1911, apud LEPORE, 2017). Ainda segundo Lepore (2017) as palavras e discursos da feminista ficaram na memória de Marston e serviram de inspiração para criar a personalidade feminista da Mulher-Maravilha. Abaixo um trecho do discurso que deixou o criador da heroína fascinado com o discurso feminista.

O rapaz mais ignorante, que nada sabe das necessidades femininas, considera-se um legislador competente apenas por ser homem” disse à multidão fitando os homens de Harvard. “Esta atitude aristocrática é errada (PANKHURST apud LEPORE, 2017, p. 23)

William Mouton Marston nunca se esqueceu daquele momento, nem de Emmeline Pankhurst e das correntes de que ela falava. Usou suas referências e experiências vividas pela feminista como inspiração para algumas das histórias em quadrinhos da Mulher-Maravilha. Margareth Sanger, enfermeira, sexóloga, ativista pelo controle de natalidade, tia de Olive Byrne acreditava que a emancipação feminina estava além das células de votos, era questão de libertar o espírito feminino da obrigação de ter e criar filhos, o controle de natalidade era sua maior luta. Um dos seus argumentos era questionar a liberdade da mulher que se quer tinha domínio de seu corpo. Sanger divulgava métodos contraceptivos, orientava as mulheres sobre planejamento familiar (LEPORE, 2017).

Segue um trecho do livro *A História Secreta da Mulher-Maravilha* de Jill Lepore que narra a importância de Margareth Sanger na construção feminista da heroína.

Anos depois, quando Marston contratou uma jovem chamada Joyce Hummel para ajudá-lo a escrever histórias da Mulher-Maravilha, Olive Byrne deu a ela um exemplar de “Woman and the News Race” escrito por Margareth Sanger. “Leia” ela disse, “e você saberá tudo sobre a Mulher-Maravilha (LEPORE, 2017, p. 134).

O livro fala do controle de natalidade, da libertação da servidão sexual da mulher. Ser dona do seu próprio corpo, poder escolher não ter filhos e seguir caminhos não convencionais eram alguns temas abordado.

Além dessas mulheres que fizeram parte da vida de Marston, diversos acontecimentos feministas e lutas pelos direitos das mulheres influenciaram a construção da personagem e suas histórias. No decorrer desta pesquisa será mais abordado.

Marston não estava apenas preocupado em criar uma heroína de histórias de aventuras, ele queria criar um modelo para as meninas leitoras dessas histórias. Prova disso é esse seu depoimento: “Sinceramente, a Mulher-Maravilha é uma propaganda psicológica do novo tipo de mulher que deveria, penso eu, governar o mundo”, (MARSTON apud LANGLEY, WOOD, 2017, p. 23), afirmou o criador da personagem em uma carta enviada ao historiador de quadrinhos Coulton Waugh.

5. A Mulher-Maravilha

Com a beleza de Afrodite, a sabedoria de Atena, a força de Hércules e a velocidade de Mercúrio, ela traz à América os dons eternos da mulher: o amor e a sabedoria! Desafiando as intrigas perniciosas de malignos algozes e rindo, vivaz, frente a qualquer perigo, a Mulher-Maravilha comanda a juventude invencível do país contra ameaças da deslealdade, da morte e da aniquilação (SENSATION COMICS, nº 3, março 1942).

A Mulher-Maravilha tinha corpo atlética para mostrar que qualquer menina podia ser campeã no atletismo; os cabelos escuros e ondulados; olhos azuis; usava um bracelete em cada punho que a protegia das balas atiradas por seus inimigos; um laço que submetia qualquer pessoa a dizer a verdade e obedecer a heroína – podemos dizer que é uma alusão ao detector de mentiras, criado por William Marston; o único meio de deter sua força, velocidade e sabedoria era um homem acorrentar a amazona (GREENBERGER, 2017).

Mulher-Maravilha não é apenas uma princesa amazona que usa botas fabulosas. Ela é o elo perdido numa corrente que começa com as campanhas pelo voto feminino de 1910 e termina com a situação conturbada do feminismo um século mais tarde. O feminismo construiu a Mulher-Maravilha (LEPORE, 2017, p. 14)

Tão destemida, a mais famosa heroína tem sido escrava de quem a escreve e desenha. Enquanto escrita pelo seu criador, a guerreira amazona lutava pelos direitos das mulheres, das trabalhadoras e do feminismo.

Suas ações eram para que todas pudessem se desvencilhar das amarras e correntes impostas por homens que queriam calar seus protestos. Este período foi chamado de fase de ouro da Mulher-Maravilha. No final dos anos 1940, com a morte precoce de William Moulton Marston, aos 53 anos, Robert Kanigher assume as histórias da Mulher-Maravilha e tira seus poderes e seu uniforme. De heroína ela passa a ser dona de casa, modelo e dona de boutique (LANGLEY, WOOD, 2017).

Kanigher fez algumas mudanças na heroína: a tiara passou a ser usada como um bumerangue, seus brincos forneciam ar para respirar no espaço, tornando-a cada vez

menos feminista e mais uma heroína norte-americana. Depois veio o ciclo Steve Trevor quer casar com a Mulher-Maravilha, onde ela perde suas vestimentas e assume cada vez mais seu alter ego Diane Prince. (CHACON, 2010).

Somente do final dos anos 1970 ela retoma seus poderes e sua representatividade da mulher independente. (LANGLEY, WOOD, 2017).

6. Origens da Mulher-Maravilha na ficção

A Mulher-Maravilha é uma princesa chamada Diana, sua mãe a rainha Hipólita governa uma sociedade harmônica e pacífica de amazonas se dedicam as artes da guerra para a prevenção de ataques, as ciências e as artes. (CHACON, 2010)

O reino excluído das amazonas, foi construído após alguns combates entre essas guerreiras, um exército grego e a influência de deuses da mitologia grega.

As amazonas viviam na Ilha Amazônia. Um grupo de guerreiros gregos provocaram o semideus Hércules para lutar contra as habitantes da Ilha e vencê-las. Porém, os guerreiros foram derrotados, bem como sua Rainha Hipólita venceu Hércules. Para esta vitória a rainha contou com um cinturão mágico, presente da Deusa Afrodite. O arrogante Hércules seduziu Hipólita e roubou o cinturão. As Amazonas foram escravizadas pelos homens durante anos.

A deusa Afrodite, vendo o sofrimento das mulheres, atendeu ao seu clamor e ajudou-as. Em troca todas deveriam deixar o mundo dos homens e viveriam na Ilha mágica Themyscira, conhecida também como Ilha Paraíso, dependendo apenas uma das outras. Com o passar do tempo, as Amazonas desenvolveram suas capacidades de lutas, artes, ciências e intelectualidade (GREEMBERGER, 2017)

Desejando ser mãe, a rainha Hipólita criou uma estátua da filha que gostaria de conceber, todos os deuses presentearam a imagem com poderes e Zeus sobrou a vida para esta semideusa que seria sua filha com a Rainha das Amazonas, ela foi chamada de Princesa Diana (GREEMBERGER, 2017).

No período da segunda Guerra Mundial, o avião do capitão Steve Trevor caiu por acidente na Ilha Paraíso. Ele é resgatado pelas amazonas, mas precisa voltar para os Estados Unidos. A deusa Afrodite fala para Rainha Hipólita que sua guerreira mais valente deve ir com aquele homem para garantir o fim da guerra. Diana viaja com o estadunidense para garantir o fim da guerra (LEPORE, 2017).

Em um mundo destruído pelas aversões e guerras dos homens, surge uma *mulher* para quem os problemas e feitos masculinos não passam de brincadeira. Ela odeia as armas: Balas nunca resolveram os problemas humanos! Ela é implacável, mas sempre poupa suas vítimas. A Mulher-Maravilha nunca mata! [...] A Mulher-Maravilha deixou a Ilha Paraíso para enfrentar o fascismo com o feminismo (ALL-STAR COMICS nº 8, Janeiro, 1941)

7. Opositores da personagem

Ainda nos anos 1940, logo após a criação da Mulher-Maravilha o sucesso da personagem e das histórias em quadrinhos foi atacado pela igreja católica acusado de desvirtuar crianças e jovens. O padre jesuíta, Walter J. Ong, escreveu em seu mestrado orientado por Marshall McLuhan, teórico da educação canadense, que os gibis eram uma propaganda fascista e que a criação de um Super-Homem e uma Mulher-Maravilha eram arautos do nazismo e da nova ordem (LEPORE, 2017).

Outro difamador das histórias em quadrinhos e principalmente da Mulher-Maravilha foi o psiquiatra estadunidense Dr. Frederic Wertham, que atribuía a crescente violência empregada e sofrida por jovens a essas leituras. Ele sabia usar dos meios de comunicação para difundir suas ideias contra os super-heróis e em 1954, lançou um livro chamado *Sedução dos inocentes*, que abordava as más influências das histórias em quadrinhos (CHACON, 2010).

Para Werthan, a Mulher-Maravilha era lésbica, uma versão feminina do Batman, que segundo ele, também era homossexual. As mulheres que aparecem nas histórias da heroína também eram gays. A repulsa pelo feminismo da amazona era questionada pelo fato dela não trabalhar, não ser dona-de-casa, não criar uma família e pela ausência do amor materno. Em seu livro chegou a dizer que comparado a indústria dos quadrinhos, Hitler era principiante (LEPORE, 2017).

[...] embora a personagem seja uma figura assustadora para os meninos, é um péssimo exemplo para as meninas, pois representa exatamente o oposto do que elas devem ser (WERTHAM, 1954, p. 34)

É preciso destacar, porém, que nem todas as acusações de Werthaman eram machistas, ele enxergou o racismo em muitas revistas em quadrinhos onde os vilões eram majoritariamente negros ou imigrantes, além do abuso de armas de fogo de alguns personagens (LANGLEY, WOOD, 2017)

Como resultando de tantos ataques, o senado estadunidense pressionou a indústria de quadrinhos e a Associação Norte-Americana de Revistas em Quadrinhos criou o Comics Code Authority (CCA), baseado no Código Hays, código de censura contra abordagens indecentes no cinema, o CCA era responsável por adequar o conteúdo das histórias aos bons costumes. (MARTÍN, ZAPICO, 2005).

Um dos trechos deste código de conduta diz: “A maneira como se trata histórias de amor romântico deve enfatizar o valor do lar e a santidade do casamento” (LEPORE, 2017, p. 330)

Nos anos 1950, além dos ataques aos personagens de quadrinhos, as mulheres que trabalhavam no período de guerra, foram para casa, os direitos femininos se esconderam, a Mulher-Maravilha perdeu suas características iniciais de guerreira independente (CHACON, 2010).

Nos anos 1950, a Mulher-Maravilha seguiu as centenas de milhares de mulheres nos Estados Unidos que haviam trabalhado durante a guerra para depois ouvir, quando a paz chegou, que não apenas seus serviços não eram necessários, mas que elas ameaçavam a estabilidade da nação por enfraquecer os homens (LEPORE, 2017, p. 331)

Nos anos 1970 com a volta dos movimentos feministas, a Mulher-Maravilha ressurgiu em 1972 em uma edição da revista Ms. Magazine. Na capa a heroína era indicada para presidente. Na mesma época foi lançada uma antologia com as principais histórias da Mulher-Maravilha da era de Marston. Depois disso em 1975 é lançada a série da Mulher-Maravilha interpretada por Lynda Carter. Apesar de todo sucesso da personagem, um filme exclusivo dessa super-heroína só estreou nos cinemas em 2017.

A análise da era Mulher-Maravilha dos seriados e filme será retratada e estudada em trabalhos posteriores a este.

8. Considerações finais

A Mulher-Maravilha mesmo na ficção encontrou dificuldades por ser do gênero feminino. Ao entrar para a Liga da Justiça, sua função era de secretária. Enquanto os outros heróis lutavam contra o crime, ela arrumava o escritório. Em suas histórias individuais, escritas a princípio por Marston, ela era independente, valorizada, tinha igualdade e até soberania para lutar contra seus inimigos.

A personagem tornou-se um símbolo para muitas mulheres que lutam pela igualdade de gênero, que combatem a construção sociocultural da mulher como alguém inferior ao homem, como Simone de Beauvoir explica em seu livro *O segundo sexo*.

Ter uma personagem forte onde crianças, meninas, adolescentes e adultas podem se reconhecer com a mesma importância dos heróis masculinos é importante para a construção cultural da igualdade de gêneros.

REFERÊNCIAS

- GREENBERGER, Robert; **Mulher-Maravilha: amazona, heroína, ícone**. São Paulo: Leya, 2017.
- JEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017
- LANGLEY, Travis; WOOD, Mara. **A psicologia da Mulher-Maravilha**. São Paulo: Única, 2017
- MARTÍN, María Gómez; ZAPICO, Misael Arturo López. **La mujer invisible: una aproximación a la marginación de la mujer através del estudio de los cómics americanos de 1960**. In: V Congreso de Historia Social – Las figuras del desorden: heterodoxos, proscritos y marginados. 18p. 2005. Espanha. Dialnet.
- MARSTON, William; **Wonder Woman**, SENSATION COMICS, nº 3, março 1942
- MARSTON, William; **Wonder Woman**, SENSATION COMICS, nº 5, março 1942
- MARSTON, William; **Wonder Woman**, SENSATION COMICS, nº 8, março 1942
- MARSTON, William; **All-Star Comics** nº 8, Janeiro, 1941
- CHACON, Beatriz da Costa Pan, **A Mulher e a Mulher-Maravilha: Uma Questões de História, Discurso e Poder**. 2010. 205f. Dissertação para Mestrado em História Social da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 2010.